

Arquivo Histórico de Joinville

Volume 2 Número 3 jan./fev./85

Criado pela Lei Municipal n. 1182 de 20/03/1972 na gestão do
Prefeito Harald Karmann, tendo sido seu 1º Diretor A.B.Schneider

| <u>SUMÁRIO</u> | página |
|---|--------|
| Relatório Bimestral de Atividades..... | 1 |
| Apologia do Crochê Elly Herkenhoff..... | 3 |
| Subsídios Históricos Coordenação e tradução - Rosa Herkenhoff..... | 6 |

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ
v.1, n.1, out./1983 Joinville, 1983
Bimestral

I. Documentação. História de Joinville.
Periódico.

CDU 002:9(816.42J)(05)
CDD 029.7098164005

Arquivo Histórico de Joinville

1

Relatório Bimestral jan./fev., 1985.

1. Serviços feitos no bimestre:

| | |
|---------------------------------|-------|
| 1.1 Cópias xerox..... | 199 |
| 1.2 <u>Consultas:</u> | |
| Jornais..... | 101 |
| Diário Oficial..... | 25 |
| História..... | 2 |
| Genealogia..... | 2 |
| 1.3 <u>Correspondência:</u> | |
| Expedida..... | 39 |
| Recebida..... | 23 |
| 1.4 <u>Encadernação:</u> | |
| Enviados..... | 35 |
| Recebidos..... | 23 v. |
| 1.5 <u>Recortes de Jornais:</u> | 1755 |
| Classificação..... | 1755 |

2. Visitas..... 7

No dia 24/01 recebemos o Dr. Gerardo Câmara, Diretor do Museu Histórico Nacional e Conselheiro do Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico Nacional, e que se mostrou impressionado e surpreso com a riqueza do nosso acervo.

3. Doações:

3.1 Sra. Emma Grossenbacher - 14 livros, entre os quais Bíblias antigas, livros de cânticos, além de outros documentos.

- 3.2 Sra. Lucilia Buchmann - partitura musical de autor joinvillense.
- 3.3 Sra. Else Kohlbach - 4 livros, sendo um de autoria de Friedrich Jürgenson, sob o título "Sprechfunk mit Verstärbenen", traduzido pela doadora sob o título "Telefone para o Além". D. Else Kohlbach é joinvillense, residindo há muitos anos no Rio de Janeiro.
- 3.4 Sr. Bruno Ehrhardt - cerca de 40 livros sobre assuntos diversos.

4. Pesquisas:

- 4.1. Dr. Fernando Camacho coordenou uma pesquisa sobre o Canal do Linguado, feita por Marcos Kielwagen. Recebemos na ocasião o Dr. Alberto Homsí, engenheiro responsável pela divisão de levantamentos topo-hidrográficos do Instituto de Pesquisas Hidrográficas (INPH) da Portobrás e coordenador do projeto do Canal do Linguado.
- 4.2 Sra. Gardênia e Sr. Bruno Furrer, de Salvador, BA, tiraram fotografias e pesquisaram sobre música do século passado e início deste (fotografias de bandas, orquestras, corais, programas de bailes, concertos, história da vida musical de Joinville, etc.) contratados pelas Empresas Dow, para elaboração de um álbum sobre música de 1500 a 1900.
- 4.3 Dr. Cyro Ehlke pesquisou sobre a Campanha do Contestado.

Apologia do Crochê

Elly Herkenhoff

Em qualquer dicionário da língua portuguesa se encontra a explicação, aparentemente satisfatória, do vocábulo crochê ou croché - aportuguesado do francês "crochet" - que designa um trabalho de renda ou malha, feito a mão, com auxílio de uma agulha provida de ganchinho em uma das extremidades. E dicionários há, mais atualizados, que até registram o termo como regionalismo corrente em Goiás, onde define a permuta de vários objetos na mesma ocasião.

No entanto, ainda está por ser lançada a edição que irá explicar ao eventual consultante o que se entende por um crochê joinvillense, o crochê-instituição, o crochê-folclore, o crochê muito nosso que, longe de ser uma simples reunião "en petit comité", representa, antes de mais nada, uma das nossas maneiras mais tradicionais de cultivar amizades, fiéis ao velho costume do "Kraenzchen", a nós legado pelas sucessivas levadas de imigrantes, desde os primórdios da Colônia Dona Francisca.

A palavra alemã "Kraenzchen" é o diminutivo de "Kranz" e significa pequena grinalda (de flores, folhagem ou outro material), servindo, por essa razão, para definir um pequeno círculo de pessoas que reúne, quase sempre, moças ou senhoras da mesma faixa de idade e do mesmo nível social e cultural, muitas vezes amigas desde a infância, às vezes já bem idosas, às vezes jovens donas-de-casa ou até mesmo adolescentes, companheiras de colégio. As reuniões das "associadas" se realizam geralmente uma vez por semana, em dia certo, alternadamente em casa de uma das amigas e esta, como anfitriã, oferece um lanche, isto é, um bom café com "Kuchen", bolo e outros quitutes, preparados com esmero e perícia e, evidentemente, segundo as possibilidades econômicas da anfitriã. O costume, antiquíssimo nos países de língua alemã, foi introduzido no Brasil pelos imigrantes alemães e até hoje os "Kraenzchen" existem, sob este nome, em grandes e pequenas cidades do Brasil.

Costuma-se dizer que, onde três alemães se estabelecem, logo surgem quatro sociedades diferentes, caracterizando, com tal expressão, a tendência do alemão para organizar sociedades, tendência esta comprovada aqui em Joinville, pelo grande número de associações desde o início existentes, entre as quais se incluem sociedades recreativas, esportivas, assistenciais,

filantrópicas, científicas e principalmente culturais, como as de leitura, canto coral, música, teatro amador e outras. Esse pendor, que explica perfeitamente a instituição do "Kraenzchen" feminino, sempre mereceu especial atenção de publicistas - sobretudo estrangeiros - que escreveram a respeito da antiga Colônia Dona Francisca.

Um dos mais acatados autores, Robert Gernhard, redator do jornal "Reform" (Reforma) em Joinville, publicando em 1901 a sua importante obra "Dona Francisca, Hansa und Blumenau" (Dona Francisca, Hansa e Blumenau), dedica páginas inteiras à mulher joinvillense, as suas qualidades, ao seu "savoir vivre" e apresenta, como prova de suas afirmações, o retrato de um "Kraenzchen" de sete senhoras, todas elegantemente vestidas à moda da época, posando para o fotógrafo no terraço de uma casa, provavelmente casa da anfitriã, naquele memorável encontro.

Sempre deve ter havido vários "Kraenzchen" simultaneamente, em Joinville, desde os primeiros anos de vida da cidadezinha às margens do Cachoeira, embora as mães de família, naqueles difíceis tempos primitivos, não pudessem ser nem muito assíduas e nem pontuais nas reuniões. Mas é certo que, uma vez assumido o compromisso de "associada", a dona-de-casa anfitriã, fiel às convenções, se esmerava, já na véspera, em preparativos para a recepção, começando por minucioso exame de aspecto geral do ambiente, desde o assoalho cuidadosamente areado, até as cortinas de filó trabalhado e os painéis das paredes, bordados em ponto-de-cruz com motivos florais e letras góticas, formando significativos dizeres em alemão.

Talvez não houvesse farinha de trigo para preparar a massa do "Kraenzchen", segundo a receita transmitida de mãe para filha. Mas havia fubá de milho e cará e açúcar mascavo e delicioso leite da ordenha do dia e bananas ou carambolas para a cobertura e havia ovos - sim, amigos, havia ovos de galinhas-de-quintal, havia ovos com gema amarelinha, cor de gema de verdade.

Depois era a vez de estender a toalha de damasco, impecavelmente alva - peça do enxocal, quem sabe, com monograma em ponto-cheio num dos cantos, bordado durante o noivado. E era a vez das xícaras douradas de finíssima porcelana, trazidas a são e salvo - presente nupcial talvez, de gente amiga, gente que ficou na lembrança, como todos os amigos e todas as coisas amigas no "lado de lá"...

Mas, à medida que a cidadezinha ia crescendo, também ia crescendo o número de círculos e começou a diversificação do nome, quando um grupo de donas-de-casa decidiu autodenominar-se

"Haekelklub", (Blube de Crochê), talvez porque as participantes se dedicassem exclusivamente ao crochê, durante os encontros, realizados sempre à noite e nos quais até mesmo os maridos às vezes tomavam parte - não fazendo crochê, evidentemente, mas divertindo-se com jogos diversos, em outro compartimento da casa. E à medida que as gerações de filhas e netas iam se sucedendo, à medida que o afluxo de famílias de outras cidades do País foi aumentando, os diferentes nomes - inclusive do "Handarbeitsklub" (Clube dos Trabalhos Manuais), também existentes - foram sendo simplificados e traduzidos, muitas vezes, passando a ser crochê ou clube ou então simplesmente lanche, perdendo, neste último caso, uma de suas características, a prática dos trabalhos manuais.

Enganam-se os que julgam pelas aparências, acreditando que o assunto nesses encontros - ontem como hoje - não passava e não passa de crianças e criadas, futilidades e fofocas. Se desde o início aqui em Joinville existia, no ambiente alcançado das casas de enxaimel, um clima de perfeita compreensão e harmonia entre as participantes, se havia o desejo de expansão e intercâmbio de conhecimentos e experiências entre as amigas, esse clima nos foi sendo transmitido de geração em geração, assim como nos foi transmitido o costume dos trabalhos manuais executados durante as reuniões. Sempre houve e continua havendo - aqui e em qualquer outro lugar - círculos em que os assuntos são de surpreendente complexidade. Círculos há em que tudo é debatido e dissecado, desde o segredinho da torta de nozes estreada pela anfitriã, até a situação explosiva no Oriente Médio e a vitória de Rachel de Queiroz na Academia Brasileira de Letras. Círculos houve e continua havendo, em que as participantes não apenas executam os mais delicados e complicados trabalhos de bordado ou crochê, após o lanche, mas onde trechos especiais de publicações são lidos em voz alta e depois debatidos, onde uma das participantes recita uma poesia ou toca um instrumento musical ou então todo o grupinho canta velhas canções a duas ou três vozes - velhas, porque nos círculos em que estas coisas acontecem, sempre perdura um quê de romântico e de sadio tradicionalismo.

Enganam-se os que vêem em nosso crochê um costume superado, inadmissível e impraticável nos dias atuais quando a mulher, em crescente escala, vai deixando de ser a só dona-de-casa de outros tempos, para acumular as múltiplas funções de mãe de família e profissional. Enganam-se, porque, na realidade, nunca foi tão importante como hoje, na era da dissolução e da violência, das neuroses e da angústia coletiva, o apego aos valores insubstituíveis, que a poluição tentacular

ainda nos deixou. Nunca foi tão importante, continuarmos a ser "nós mesmos" individuais e um tanto tradicionalistas, dentro do contexto geral da comunidade à qual pertencemos. Hoje, mais do que ontem, porque estamos vivendo as décadas da massificação sem limites, a era da onnipresente, onideterminante mestra - a toda poderosa televisão...

----- X -----

Subsídios históricos

Coordenação e Tradução:

Rosa Herkenhoff

Excerto do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 26 de maio de 1866, número 21.

Dona Francisca - No dia 22 de maio, terceiro dia da Festa do Espírito Santo, realizou-se a excursão organizada pelas sociedades de canto "Sangerbund" e Helvetia, à propriedade de S.A.R. o Duque de Aumale. O número de participantes foi enorme, pois além dos sócios das duas agremiações, tomaram parte os ginastas e os sócios da "Harmonie-Gesellschaft", bem como numerosas pessoas, não pertencentes a nenhuma dessas associações. Não poderia ter sido mais lindo o dia! O céu, despido da roupagem cinzenta dos dias anteriores, apresentava-se no mais límpido azul. Tão sedutora entrava a manhã pelas janelas, que os mais confortados dorminhocos pularam das camas, quando o som do clarim começou a soar, convidando a todos para os preparativos. Muitas donas de casa, animadas pelo esplendor da manhã, devem ter enriquecido com mais um petisco o farnel e muitos pais de família talvez tenham colocado mais uma garrafa na sacola. Que animação aquela nas ruas de Joinville! Carros enguirlandados e embandeirados, cavaleiros alvoroçados, ginastas, cantores e companheiros de coral, mocinhas que sapateavam impacientes ao lado de sizudas mães - tudo num colorido vaivém diante do restaurante Ravache, quartel general da organização. Até que enfim, às 8 horas, foi se desvencilhando de toda aquela barafunda, um agrupamento harmonioso, sob a orientação dos organizadores da excursão. Ginastas a cavalo, de bandeira desfaldada, seguidos de uma banda de música, eletrizante nas músicas apresentadas, depois uns 30 carros e carroças abarrotados de gente alegre,

Arquivo Histórico de Joinville

endomingada-e, por fim outro grupo de cavaleiros, que haviam feito as cabeças dos animais de maneira bem original. E assim o grupo foi desfilando pelas ruas da cidade a fim de alertar os possíveis retardatários. Foram, talvez, mais de 300 os participantes da excursão. Formando longo cortejo, foram deixando a cidade, subindo pela Estrada da Serra. De um modo geral, a viagem correu maravilhosamente bem, sem incidentes. Até mesmo o capotamento de um carro, cuja boléia foi desequilibrada pela traseira de um animal, apenas contribuiu para aumentar a alegria geral pois o barro úmido proporcionou aos acidentados uma cama, não muito bela, porém macia. É bem verdade que houve vários engarrafamentos, inevitáveis com aquele número de carros e cavaleiros, assim como pequenos acidentes e avarias nas selas, nos arreios e nas rédeas, motivaram paradas, de maneira que o grupo somente após três horas de viagem alcançou a margem do Cubatão, onde se localiza a propriedade. O encarregado de S.A.R. o Sr. Brustlein, tinha feito tudo que estava ao seu alcance, para proporcionar aos excursionistas uma estada das mais agradáveis, pon-do à sua disposição o pátio diante das casas e todos os seus compartimentos. A construção com a nova máquina a vapor, recentemente montada, foi franqueada a todos os visitantes e o grande galpão oferecia a todos o descanso merecido. Depois de saciada a fome, que já se fazia sentir com um bom lanche, e após a visita às dependências da propriedade, os cantores das duas sociedades apresentaram diversas canções em conjunto, dando assim um sentido mais elevado às festividades daquele dia. Infelizmente as canções apresentadas ali, ao ar livre, não permitiram a apreciação total e devida de toda a sua sonoridade e harmonia. Pelas três horas da tarde, iniciou-se a viagem de regresso, deixando a margem do Cubatão na mesma ordem da ida e entrando na cidade ao som efusivo da banda de música ao escurecer. Os participantes ainda continuaram reunidos no Salão Ravache, festejando o acontecimento com danças e canções até além da meia noite. Finalizamos este relato com vivas calorosos aos organizadores da festa, que tão bem se desincumbiram da tarefa de oferecer a todos um dia tão agradável e divertido. "Vivat sequens!"

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

CONTRIBUA PARA O ACERVO DO AHJ

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ - Pça. Lauro Müller, s/n.
Caixa Postal D-100 - CEP 89200 - Joinville - SC - Tel.(0474)
22-2154

Aceitamos doações e fornecemos recibos de: jornais, documentos,
fotografias antigas